

O PERFIL SOCIAL E IDENTITÁRIO DA COMUNIDADE DE FALA DE SÃO JOSÉ DE PIRANHAS (PB) SOB O VIÉS DA TEORIA DA ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS

Daiane Aparecida Cavalcante

Willian Ferreira Furtado de Lacerda

1. INTRODUÇÃO

Pedro estava sentado fora, no pátio. Aproximou-se dele uma criada, dizendo: “Também tu estavas com Jesus, o Galileu!”. Ele, porém, negou diante de todos, dizendo: “Não sei o que dizes”. Saindo para o pórtico, outra viu-o e disse aos que ali estavam: “Ele estava com Jesus, o Nazareu. De novo ele negou, jurando que não conhecia o homem. Pouco depois, os que lá estavam disseram a Pedro: “De fato, tu também és um deles; pois *o teu dialeto te denuncia*” (Bíblia, 1959, p. 69-75, grifo nosso).

O fragmento do evangelho de Mateus narra o episódio bíblico em que Pedro negou Jesus por três vezes, jurando que não o conhecia. Pedro foi identificado como um nazareu, devido ao seu dialeto que de fato o denunciara, por pertencer a uma comunidade social e linguística constituída por normas compartilhadas, atitudes linguísticas em comum entre os membros que constituem a sua topologia social.

Os traços dialetais de um indivíduo demarcam a sua identidade, pois fazem parte do seu construto social, como também denotam o sentimento de pertença a

uma determinada comunidade. Para Wenger (1998), a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossa experiência de pertença a diferentes grupos sociais.

Partindo do pressuposto de que o homem se constitui ontologicamente como sujeito a partir da *práxis* da sua integração social, Bourdieu (1977) frisa que socializar-se é realizar a aprendizagem de interiorização de normas, valores e crenças, como um sistema de disposições estruturantes duradouras, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que regulam tacitamente a ação cotidiana (*ethos*) e as posturas corporais (*hexis*). Em outras palavras, socializar-se é adquirir o *habitus*, que, segundo o autor, é concebido como

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 1983, p. 65).

Nessa conjectura, para o autor, o *habitus* está relacionado à classe ou à posição social ocupada pelo indivíduo no cerne da sociedade, sendo essa classe resultante do capital econômico, social e cultural desse indivíduo. O *habitus*, portanto, é construído no processo de socialização.

Durkheim (2016, p. 75-76) postula que o ato de socializar-se enovela dois processos distintos e indicotomizáveis: o processo de integração social e o processo de regulação social. O autor salienta que:

O primeiro refere-se ao modo no qual um grupo social atrai para si o indivíduo, apropriando-se dele de alguma maneira; este processo ocorre por meio das interações frequentes entre os membros do grupo, pela existência de paixões uniformes no grupo, e, finalmente, pela busca dos fins comuns. O segundo processo designa outro aspecto da socialização, pois não se trata apenas de integrar os indivíduos, mas é necessário também regular, harmonizar os comportamentos destes indivíduos. Este processo de regulação passa pela existência de uma hierarquização social, de paixões socialmente adaptadas por cada um, segundo o lugar ocupado nessa hierarquia, e, por fim, ele supõe que essa hierarquia seja considerada justa e legítima pelos indivíduos que fazem parte do grupo (Durkheim, 2016, p. 75-76).

Podemos inferir, então, que na concepção de Durkheim, a sociedade é concebida como o conjunto de regras e procedimentos padronizados, reconhecidos, aceitos e sancionados pela sociedade, cuja importância estratégica é a manutenção da organização do grupo e a satisfação das necessidades dos indivíduos que dele participam.

Neste capítulo, focalizaremos o conceito de comunidade de fala (doravante CF), que, conforme preconiza Labov (2008 [1972], p. 188), “não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. O autor afirma, ainda, que “os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (Labov, 2008 [1972], p. 225).

A noção de CF, demarcada anteriormente, é fundamental para o entendimento da Teoria da Análise das Redes Sociais, cujos estudos durante o século XX provaram ser de grande valia para a análise de sociedades que estavam atravessando céleres mudanças, decorrentes de imigração, conflitos étnicos, industrialização, incremento da escolaridade etc. Tais estudos foram extremamente úteis em sociedades muito heterogêneas, nas quais a estratificação por classe social e renda não era simples de ser verificada. Também contribuíram eficazmente para a definição de CF, conceito que, com o progresso da Etnografia, da Sociolinguística e de outras correntes do estudo da linguagem humana, passou a ser problematizado e avaliado em sua heterogeneidade.

Alguns sociolinguistas utilizaram e utilizam em suas pesquisas o paradigma das redes sociais, como as pesquisas de Gumperz (1976), Gal (1979) e Milroy (1980), que se interessaram pela pressão normativa que os indivíduos exercem uns sobre os outros quando mantêm estreito relacionamento no âmbito de um grupo social. Essas redes vão sendo tecidas, ou vão entrecruzando-se, de forma uniplex ou multiplex, conceitos caros à Teoria da Análise das Redes Sociais (doravante TARS), que se baliza em autores como Moreno (1934), Williamson (1975), Aldrich (1979), Wassermann e Faust (1994), Freemann (1996), Scott (2000), Lin (2001), entre outros.

Feitos esses esclarecimentos teóricos iniciais, apresentamos a seguir a estrutura deste capítulo: primeiramente, introduziremos uma seção sobre questões identitárias e dialetais, abordando conceitos como identidade e CF. Na seção relativa ao referencial teórico, trataremos de conceitos para a compreensão da TARS, como redes sociais, densidade, plexidade, tessitura larga e tessitura miúda, redes de laços fortes e redes de laços fracos. Na seção relativa ao desenho metodológico, delinearemos o procedimento utilizado na pesquisa. Para a configuração dos mapas egocêntricos das redes sociais de cada informante, utilizaremos o programa Egonet (McCarthy, 2010), apresentando as redes sociais de cada informante por meio da configuração dos mapas. Por fim, na seção das considerações finais, retomaremos questões já discutidas, com reflexões a partir dos relatos dos informantes.

2. REDES SOCIAIS: ALINHAMENTO TEÓRICO

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; [...] e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos (Melo Neto, 1968, p. 345).

O fragmento do poema de João Cabral de Melo Neto faz alusão à metáfora das ressonâncias orquestrais e fiadoras do grito dos galos, evidenciando-os como verdadeiros tecedores e anunciadores da manhã. No poema, é denotado que um galo sozinho não tece uma manhã, isto é, ele sempre precisará de outros galos que apanhem o grito e o lancem a outros, sendo por meio do entrecruzamento desses gritos coletivos que a teia de uma manhã vai tecendo-se. De certa forma, esse trecho representa emblematicamente a natureza da TARS, a ideia de tessitura e densidade de redes.

Goffman (1974, p. 147-148) sublinha algo muito relevante que coaduna os vínculos que unem os indivíduos a entidades sociais:

[...] a participação do indivíduo na entidade – uma ideologia, uma nação, um ofício, uma pessoa ou mesmo uma conversa, terá alguns aspectos gerais. Sentirá obrigações: algumas serão duras, pois incluem alternativas obrigatórias, trabalho a ser realizado, serviço a ser cumprido, tempo ou dinheiro gastos; outras serão mais suaves, pois exigem que sinta participação, identificação e ligação emocional. Portanto, a participação numa entidade social impõe compromisso e adesão (Goffman, 1974, p. 147-148).

Sob esse prisma, Goffman afirma que, para que o indivíduo se emancipe, participe e identifique-se com a vida em sociedade, há a exigência de alguns compromissos. O indivíduo tem que assumir e desempenhar papéis sociais, trabalhar para suprir seus gastos, integrar-se e aprender a viver no coletivo mediante regras e acordos tácitos. Dessa maneira, tornar-se membro de uma comunidade implica solidariedade social, para que, assim, as redes sociais e os vínculos teçam-se.

Os primórdios da TARS nas Ciências Sociais remontam à década de 1920, em estudos da Psicologia Social, como atesta Freeman (1996). As pesquisas preambulares orbitavam em torno do questionamento sobre se o contexto social e o padrão de relacionamento influenciavam o comportamento individual de crianças na fase pré-escolar nos Estados Unidos.

A comunidade científica, em contrapartida, legitima a origem da abordagem da TARS com a publicação do livro *Who Shall Survive*, do sociólogo Jacob Moreno, em 1934. Destaca-se ainda a criação da Revista *Sociometry*, em 1937.

Evans (2004) frisa que as redes sociais podem ser vistas tanto como um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos quanto relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos. O autor as caracteriza da seguinte maneira: a) densidade (estrutura da rede), que se refere aos contatos dos indivíduos, ou seja, quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem, maior a sua densidade; e b) plexidade (conteúdo da rede), que se refere à multiplicidade de conexões dos membros – por exemplo, membros que sejam vizinhos (rede uniplexa), ou também colegas de escola (rede multiplexa) –, ocorrendo, assim, o entrecruzamento das redes.

Bortoni-Ricardo (2005) relata que, quando o indivíduo ascende socialmente, sua rede de interação torna-se mais heterogênea e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa. O processo de difusão dialetal se intensifica, e o falante vai se aproximando da norma culta, adquirindo uma gama mais ampla de registros.

Após esses esclarecimentos teóricos sobre as redes sociais, delinearemos na seção seguinte o desenho metodológico que balizará nossa pesquisa.

3. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa é de cunho descritivo-qualitativo e de natureza experimental, exploratória e etnográfica. Utilizamos a técnica do observador participante, imerso na comunidade de fala durante 30 dias, período necessário para selecionar os informantes, solicitar o preenchimento das fichas sociais e marcar a realização das entrevistas gravadas. O *corpus* é constituído por 12 informantes da zona urbana do município de São José de Piranhas-PB (doravante SJP), cujos perfis estão delineados na Tabela 5.1, com estratificação do *corpus* pelas variáveis: sexo, idade, tempo de exposição e escolaridade.

Tabela 5.1 – Dados dos informantes

Informante	Sexo	Idade	Tempo de exposição	Escolaridade
01	F	43	44 anos	1º ano (Ens. Fund.)
02	F	43	32 anos	1º ano (Ens. Fund.)
03	F	43	30 anos	1º ano (Ens. Fund.)
04	M	55	47 anos	1º ano (Ens. Fund.)
05	M	55	49 anos	1º ano (Ens. Fund.)
06	M	55	55 anos	1º ano (Ens. Fund.)
07	F	33	33 anos	Superior completo
08	F	33	28 anos	Superior completo
09	F	33	33 anos	Superior completo
10	M	35	35 anos	Superior completo
11	M	35	35 anos	Superior completo
12	M	35	35 anos	Superior completo

Fonte: elaborada pelos autores.

Na fase da coleta de dados, pedimos aos informantes que nomeassem as pessoas com as quais eles interagiam com mais frequência. Fizemos uso de fichas sociais, as quais os informantes preencheram com seus dados pessoais, indicando pessoas que também poderiam conceder-nos as entrevistas.

Para a configuração e a quantificação das redes, fizemos uso do programa Egonet (McCarthy, 2010), que quantifica os contatos da pessoa determinada por meio da identificação de conexões e pontos dentro de sua rede pessoal, estabelecendo os padrões estruturais de sua interação. Cada informante foi convidado a responder o grau de afinidade, aproximação ou distanciamento estabelecido com cada membro de sua rede social, conforme veremos na análise dos dados.

Na fase da análise e da discussão dos dados, selecionamos as seguintes categorias: a densidade e a coesão social, conforme modelo proposto por Wasserman e Faust (1994). A categoria da densidade investiga se a rede é de natureza uniplex ou multiplex, de tessitura miúda ou de tessitura frouxa, enquanto a categoria da coesão social diz respeito aos vínculos sociais estabelecidos entre os integrantes das redes dos informantes, além de se referir à qualidade dos laços existentes entre os membros das redes. Há mais coesão entre os indivíduos quando os laços são fortes, ou seja, a conexão entre eles é mais intensa e frequente. Por outro lado, há menos coesão social quando a interação, conexão entre esses membros é esporádica e fraca.

A categoria da coesão social dialoga com a categoria da centralidade de grau, proposta por Freemann (1974). A centralidade de grau mensura a quantidade de laços que os membros das redes possuem entre si, dentro e fora da rede.

É de suma relevância que contextualizemos a comunidade de fala piranhense. São José de Piranhas (SJP) é uma cidade paraibana situada a 530 km da capital João Pessoa. Possui, conforme aponta o Censo/IBGE (IBGE,2012), mais de 20.250 habitantes e avizinha-se às cidades de Monte Horebe, Bonito de Santa Fé, Itaporanga, Igaracy, Aguiar, Serra Grande, São José de Caiana, Conceição, Cachoeira dos Índios, Carrapateira, Nazarezinho e São José da Lagoa Tapada. Localiza-se 27 km a Sul-Leste de Cajazeiras, a maior nos arredores.

Como a cidade não possui fábricas ou indústrias, grande parte da população é estratificada socialmente em servidores públicos e comerciantes. Os habitantes que não pertencem a tais categorias ocupam-se de atividades domésticas e/ou artesanais, enquanto outros migram para São Paulo para trabalhar no corte de cana-de-açúcar, ou para regiões do Pará, Tocantins e Maranhão, para trabalhar em equipes de vendas.

Aqui apresentaremos os mapas egocêntricos de cada informante, elaborados a partir do programa Egonet (McCarthy, 2010) e analisaremos a configuração de cada mapa da rede social. Selecionamos os quatro mapas egocêntricos mais significativos, que configuram a rede de interação de cada informante. Bipartimos os grupos de informantes da seguinte maneira: o primeiro grupo é constituído por um informante do sexo feminino, cujo grau de escolaridade é ensino fundamental incompleto, com idade de 43 anos, e um informante do sexo masculino, com 55 anos. O segundo grupo é composto por um informante do sexo feminino e um do sexo masculino, ambos com curso superior completo e com 35 anos.

Apresentamos as redes sociais dos informantes em forma de mapas configuracionais egocêntricos, cujas legendas são apresentadas no Quadro 5.1:

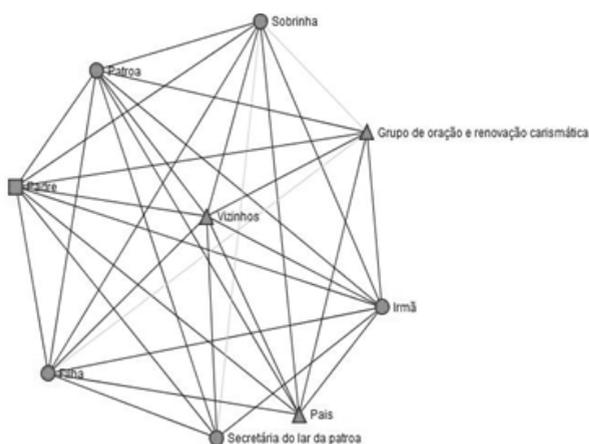
Quadro 5.1 – Ícones, ligações e escolaridade dos membros das redes

Formato do ícone		Ligação entre os membros
■	Membro do sexo masculino	—— Contato entre os membros é muito provável (laços fortes)
●	Membro do sexo feminino	— Contato entre os membros é provável (laços fracos)
▲	Grupo de pessoas de ambos os sexos	∅ (sem ligação) Contato entre os membros é improvável
Escolaridade		
EFI	Ensino fundamental incompleto	
EFC	Ensino fundamental completo	
EMC	Até ensino médio completo	
ESC	Até ensino superior completo	

Fonte: autores.

Vejamos as configurações das redes sociais da informante do sexo feminino, com grau de escolaridade fundamental incompleto:

Figura 5.1 – Mapa configuracional egocêntrico da rede de interação da Informante 1



Escolaridade dos membros da rede	
Sobrinha	EFI
Patroa	EMC
Grupo de oração e renovação carismática	EFI a ESC
Padre	ESC
Vizinhos	EFI a EMC
Irmã	EFI
Filha	EFI
Pais	EFI
Secretária do lar da patroa	EFI

Fonte: autores.

A Figura 5.1 evidencia uma rede multiplex, com um viés uniplex, tratando-se, assim, de um caso fronteiro. Há laços que não se cruzam: as relações são improváveis entre a secretária do lar da patroa e os pais da informante, bem como entre a referida secretária e o grupo de oração e renovação carismática. Ou seja, nem todos os membros da rede interagem entre si.

A rede é considerada multiplex, por haver mais pontos interligados, devido à gama de papéis sociais desempenhados pela informante na sua comunidade de fala, como filha, mãe, funcionária de uma minifábrica, costureira, membro de um

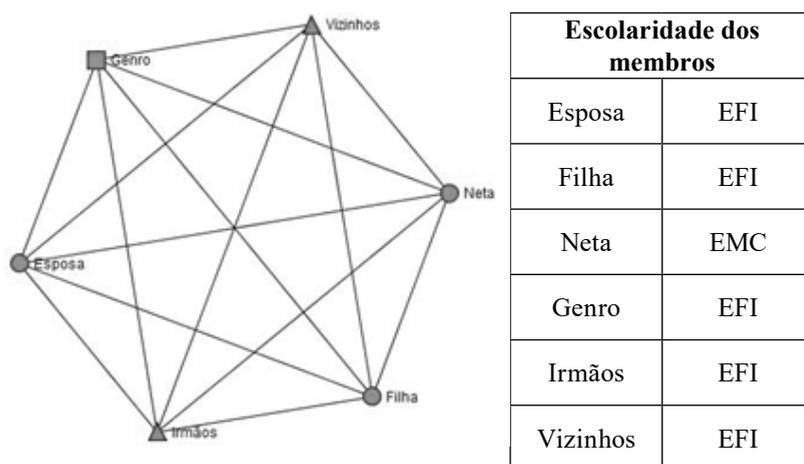
grupo católico, irmã, tia e amiga da secretária do lar, estabelecendo laços fortes, de primeira ordem. Com os vizinhos mantém uma relação saudável, de densidade mais frouxa, com laços de segunda ordem, mais fracos.

Quanto à plexidade, a rede de tessitura miúda orbita em torno da família, do trabalho e da igreja. Apresenta alta densidade, pois possui mais pontos interconexos do que pontos difusos, sem ligas extremadas, isto é, com grandes espaçamentos e sem coesão entre eles.

Quanto à escolaridade, é perceptível que a rede de interação da informante apresenta alto grau de homogeneidade, visto que ela se conecta mais frequentemente com sete indivíduos da sua rede de interação, os quais possuem o nível de escolaridade fundamental incompleto. No entanto, a rede também apresenta fronteiras heterogêneas, pois a informante possui vínculo com alguns membros que possuem o ensino médio completo e curso superior.

Em seguida, observaremos o mapa da rede social de interação do Informante 2, do sexo masculino, que possui ensino fundamental incompleto:

Figura 5.2 – Mapa das redes sociais de interação do Informante 2



Fonte: elaborada pelos autores.

Pela análise da Figura 5.2, entendemos que a rede do Informante 2 é uma rede fechada, sem a influência de interferências externas. Ela é de natureza multiplex, isto é, o informante realiza vários papéis sociais entre os membros que a integram; ademais, ela não tem pontos difusos. Todos os pontos estão conectados entre si, não coexistem fronteiras desconexas, denotando que o informante estabelece laços fortes, de primeira ordem.

A Figura 5.2 também nos permite entender que a rede é de tessitura miúda, de alta densidade, visto que todos os membros da rede se conhecem e interagem entre si. No tocante à plexidade, ele orbita preponderantemente na família. Também é insulada, pois há a manutenção da focalização dialetal rural.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 97) apregoa que, no processo de ajustamento à vida urbana, o migrante tende a sair gradualmente da sua rede insulada e a contrair novas relações. O Informante 2 apresenta em sua fala traços linguísticos rurbanos vernaculares, como revelou ao iniciarmos nossas interações. Quando questionamos se ele sempre morou em SJP e em que lugar nasceu, ele respondeu:

Bom dia, tudo bom. Nasci no sítio Riacho da Corda, que é município daqui de São José de Piranhas, nasci em casa, naquele tempo não tinha essa história de maternidade, a gente morava longe da cidade, aí quando mãe começava a sentir as **dor**, tinha uma vizinha nossa do sítio que sempre ajudava nos parto. A vida no sítio era difícil a gente tinha que ir pra roça, **prant[á]** legume, depois no tempo da **colheta**, a gente se juntava pra **disbuiá** o feijão. mas depois tive que **vaij[á]** uns anos para São Paulo, porque a nossa família era grande, o que tinha era **poca** coisa em busca de sobrevivência para a minha família, me casei cedo, tive uma filha e tinha que sustent[á] a **familha**. Não tenho estudo, porque sempre tive que **trabaiá** na roça pra ajud[á] meu pai, a moer **mio**, a **prant[á]** no roçado, depois fiz uma **viage** com minha esposa e filha pra São Paulo, passar uns anos, como sou um home direito, tinha que dá de conta da família. Mas acabamo vindo embora pra cá, quando juntei um **dinherinho**.

O fragmento do relato do Informante 2 evidencia peculiaridades vernaculares prototípicas da sua rurbanidade. Podemos verificar que há, na fala espontânea do informante, diferentes fenômenos fonológicos, conforme destacamos: “*começava a sentir as dor*” (Ø marca zero de plural dor/dores); apagamento dos alomorfes /e/s/ indicadores de plural (na palavra dores); e “*a gente tinha que ir pra roça, prant[á]*” (fenômeno do rotacismo, o apagamento do morfema /l/ pela substituição do morfema rótico /r/). Nos excertos “[...] *depois no tempo da colheta [...]*”, “*quando juntei um dinherinho*” e em “*o que tinha era poca coisa em busca de sobrevivência*”, é notório que ocorre o fenômeno da monotongação, ou seja, o apagamento da glide palatal /j/ em *dinherinho~dinheirinho* e em *colheta~colheita* e do fonema semivocálico /w/ em *poco~pouco*.

A limitação à conexão apenas com vizinhos e família pode ser justificada devido à homogeneidade dos membros da rede, que possuem, em sua grande maioria, grau de escolaridade fundamental incompleto, o que não favorece as interferências externas de outras atividades sociais e de outros domínios linguísticos.

O Quadro 5.2 apresenta resumidamente o perfil social das redes sociais de interação dos informantes de ambos os sexos com grau de escolaridade fundamental incompleto:

Quadro 5.2 – Análise qualitativa das redes sociais de interação dos informantes do grupo 01 (com grau de escolaridade EFI)

Inf.	Sexo	Rede	Tessitura	Densidade	Plexidade	Qualidade de laços	Conexão entre os membros das redes sociais/ Escolaridade
1	F	Multiplex	Miúda	Alta	Família/ Trabalho/ Igreja	Fortes	Homogênea/ EFI
2	M	Multiplex	Miúda	Alta	Família/ Trabalho	Fortes	Homogênea/ EFI

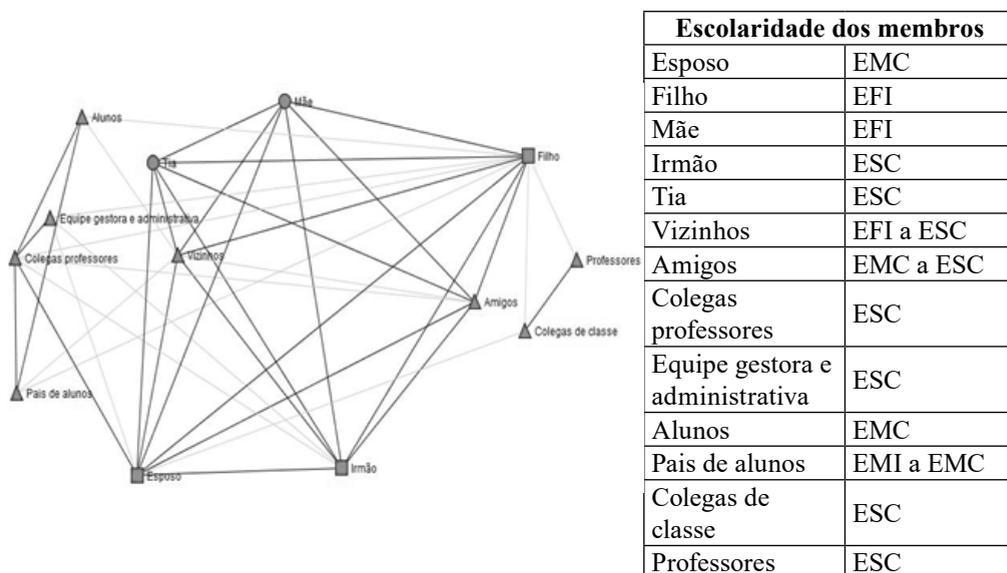
Fonte: elaborado pelos autores.

O Quadro 5.2 denota que, em ambos os sexos, a rede é multiplex. De forma mais saliente, a tessitura da rede é miúda, de densidade alta. No tocante à plexidade, orbitam em torno da família, do trabalho e da igreja. Quanto à qualidade de laços, são de primeira ordem, laços mais fortes. E, por fim, no que se refere à conexão estabelecida entre os membros das redes sociais dos informantes com seus respectivos integrantes, há presença de conexões mais homogeneizadas, com indivíduos que possuem ensino fundamental incompleto. Portanto, são redes fechadas, pois não sofrem tantas interferências externas; são mais insuladas; e há, sobretudo, a ênfase no dialeto rural (rurbanidade), o que denota o acesso limitado ao código de prestígio, ou seja, à variável socialmente mais prestigiada.

O segundo grupo é composto por um informante do sexo feminino (Informante 3) e um do sexo masculino (Informante 4), ambos com curso superior completo e com 35 anos.

Vejamos a rede da Informante 3, representada pela Figura 5.3:

Figura 5.3 – Redes sociais de interação da Informante 3



Fonte: elaborada pelos autores.

A rede da Informante 3 é multiplex; ela desempenha papéis sociais multiplexos, embora a rede apresente também alguns pontos difusos, desconexos, grafos que não estão interligados, o que denota falta de conexão por parte de alguns de seus membros. A rede mostra que a integração entre alguns membros é pouco provável.

Dessa forma, ao perguntarmos se os alunos da escola onde trabalha interagem com seu filho de 5 anos, a informante respondeu: “*não, meus alunos não têm contato com o meu filho não*”, e obtivemos a mesma resposta sobre um possível contato do filho com a equipe gestora da escola. Lançamos a pergunta se os colegas professores da Escola Técnica Integral tinham vínculos com os amigos da informante, ao que ela respondeu: “*não, são relações diferentes que eu tenho com os amigos e os colegas de trabalho, nem imagino como ia ser se juntasse todo mundo*”.

Investigamos se o irmão da informante conhecia ou mantinha contato com a equipe administrativa da escola onde a irmã trabalha, e ela respondeu: “*eles todos se conhecem, com alguns o meu irmão tem pouco contato, no geral eles se veem muito pouco*”. Indagamos se os vizinhos da informante interagem com os amigos dela, ao que respondeu:

Sim, são contatos frequentes, porque minha família gosta de *juntá* muita gente, gosta de casa cheia, sempre quando a gente faz doces, pão caseiro, mugunzá, fava, feijoada, bolos, sempre gostamos de dar aos vizinhos mais próximos, em datas comemorativas,

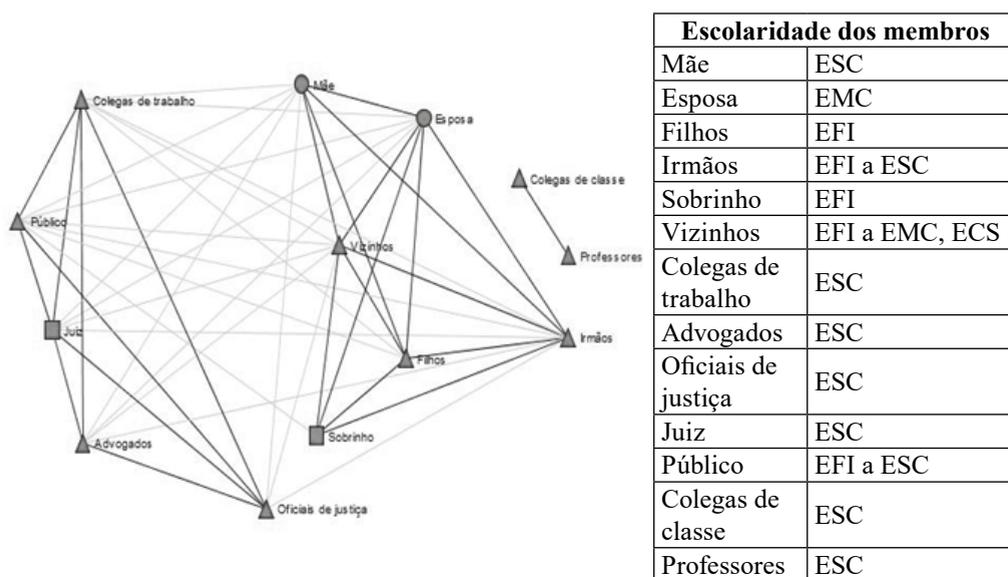
como o aniversário do meu filho, a gente sempre reúne todo mundo, daí todo mundo se encontra. Também nos aniversários de mainha e de titia, a gente sempre faz uma coisinha, um bolinho, os amigos mais chegados e os vizinhos sempre vêm pra cá.

No tocante à qualidade dos laços, estes são fortes com a família e alguns vizinhos mais próximos. A informante mantém laços fortes com os colegas de trabalho e laços fracos com os pais dos alunos, porque são contatos indiretos e esporádicos, tendo em vista que ela trabalha na parte administrativa da escola.

A rede é multiplex, pois é integrada e há uma maior exposição a influências externas. Sua densidade é frouxa, aberta, pois enovela mais papéis sociais e implica a interação com pessoas de *background* social e geográfico mais variado em diversos contextos sociais. Quanto à plexidade, é observável que ela gravita em torno da família, do trabalho (escola) e da universidade, havendo conexões heterogêneas e difusão dialetal. Há uma maior flexibilização com relação ao controle da língua e aos modos de falar de maior prestígio.

Por fim, a rede social do Informante 4 é exposta na Figura 5.4:

Figura 5.4 – Redes sociais de interação do Informante 4



Fonte: elaborada pelos autores.

A rede do Informante 4 é também multiplex, de tessitura frouxa, integrada, e apresenta uma densidade alta no que tange a papéis sociais e à interação com pessoas de *background* social mais variado em diversos contextos sociais, constituindo-se, assim, uma rede com matizes acentuadas de heterogeneidade. O

informante conecta-se com pessoas que possuem graus de escolaridades diferentes, mas a conexão maior é com indivíduos com curso superior completo.

No tocante à qualidade de laços, o informante mantém laços fortes com a mãe, a esposa, os filhos, os irmãos, os colegas de trabalho e do curso de especialização e o juiz da comarca (laços profissionais), enquanto mantém laços fracos com o público que busca ter acesso aos processos. Ao perguntarmos se os advogados que vão ao fórum mantêm laços com os filhos do informante, este respondeu que *“os encontros são pouco prováveis”*.

Notamos na rede alguns pontos desconexos, o que demarca distanciamentos entre os integrantes, extremidades fronteiriças. Embora todos se conheçam, estes são laços mais frouxos e não estão interligados entre si. No tocante à plexidade, a rede gravita em torno de família, do trabalho (fórum) e da faculdade.

Pesquisamos se os colegas de trabalho estabelecem vínculos com a esposa do informante, e este informou que *“às vezes pode acontecer de todo mundo se encontrar em festas, em confraternizações, em passeios, mas são encontros muito ocasionais”*.

O Quadro 5.3 delinea um resumo das peculiaridades das redes sociais de interação do grupo de informantes com curso superior completo:

Quadro 5.3 – Análise qualitativa das redes sociais de interação dos informantes do Grupo 02, com curso superior completo

Inf.	Sexo	Rede	Tessitura	Densidade	Plexidade	Qualidade de laços	Conexão entre os membros das redes sociais/ Escolaridade
3	F	Multiplex	Frouxa	Alta	Família/ Trabalho/ Escola	Fortes	Heterogênea: EMC/ESC
4	M	Multiplex	Frouxa	Alta	Família/ Trabalho/ Faculdade	Fortes	Heterogênea: EFI/EMC/ESC

Fonte: elaborado pelos autores.

Destacamos dois pontos divergentes entre os informantes dos Quadros 5.2 e 5.3: o Quadro 5.3 difere-se do Quadro 5.2 na tessitura da rede, pois os informantes do Quadro 5.3 estão agregados a uma rede de tessitura frouxa, esparsa, larga, o que indica adesão ao prestígio/status e permite a interferência de influências externas. As redes do Grupo 3 são mais integradas em relação às redes do Grupo 2, que são mais insuladas, havendo foco no dialeto local e acesso limitado ao código de prestígio. O Grupo 2 orbita mais em torno da família, do trabalho e

da igreja, enquanto o Grupo 3 gravita nos meandros da família, do trabalho, dos amigos e da universidade.

Por fim, outra categoria divergente é a conexão entre os membros das redes sociais: no que concerne ao fator escolaridade, é perceptível que os informantes do Grupo 2 interagem com mais frequência com indivíduos com curso fundamental incompleto, ensino médio e algumas vezes com curso superior completo; trata-se de redes mais homogêneas. Por outro lado, no Grupo 3, as redes são mais heterogêneas: os informantes interagem com informantes com curso superior completo, e, por isso, as redes possuem uma abertura extensiva às interferências externas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi mapear o perfil social e identitário da comunidade de fala da cidade de SJP, bipartido conforme a escolaridade do informante, com base na TARS. Podemos dizer que os objetivos foram devidamente alcançados, pois conseguimos mapear o perfil identitário da comunidade de fala piranhense por meio de mapas egocêntricos, configurados a partir do programa Egonet (McCarthy, 2010).

Constatamos que o fator escolaridade/letramento exerce influência na densidade, na tessitura da rede, na plexidade e na qualidade dos laços. Portanto, denotamos que as redes dos informantes do Grupo 2 são fechadas e insuladas, pois não sofrem tantas interferências externas e há, sobretudo, a ênfase dialetal e o acesso limitado ao código de prestígio. Por outro lado, mostramos que as redes do Grupo 3 são mais integradas e possuem densidade mais alta, visto que os informantes desempenham papéis sociais bem ecléticos e a interação evidencia-se com mais frequência com pessoas de *background* social e geográfico mais variado e em diversos contextos sociais, havendo identificação com o grupo de prestígio.

5. REFERÊNCIAS

ALDRICH, H. *Organizational and Environments*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1979.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria, 9. ed. São Paulo: Ave Maria, 1959. (Impressão 2001).

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BOURDIEU, P. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

DURKHEIM, E. *A Sociologia de Durkheim/ Philippe Steiner*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

EVANS, B. The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 16, p. 153-167, 2004. FREEMAN, L. C. *La teoría económica de la innovación industrial*. Madri: Alianza, Universidade, 1974.

FREEMAN, L. C. Some antecedents of social network analysis. *Connections*, v. 19, n. 1, 1996.

GAL, S. *Language Shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria*. Nova York: Academic Press, 1979.

GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York: Harper Colophon Books, 1974.

GUMPERZ, J. *Social network and language shift*. Berkeley: Language Behavior Laboratory, 1976.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LABOV, W. [1972]. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

LIN, N. *Social capital – A theory of social structure and action*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MCCARTHY, C. *Egonet (Personal Network Software)*. USA; University of Flórida, 2010.

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.

MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Brasil Blackwell, 1980.

MORENO, J. L. *Who shall survive? Foundations of sociometry, group psychotherapy and sociodrama*. New York: Beacon Press, 1934.

SCOTT, J. *Social Network analysis*. Califórnia: Sage Publications, 2000.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. *Social network analysis: methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. (Structural analysis in social the social sciences series).

WENGER, E. *Communities of practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WILLIAMSON, O. E. *Markets and hierarchies: analysis and antitrust implications*. New York: The Free Press, 1975.

